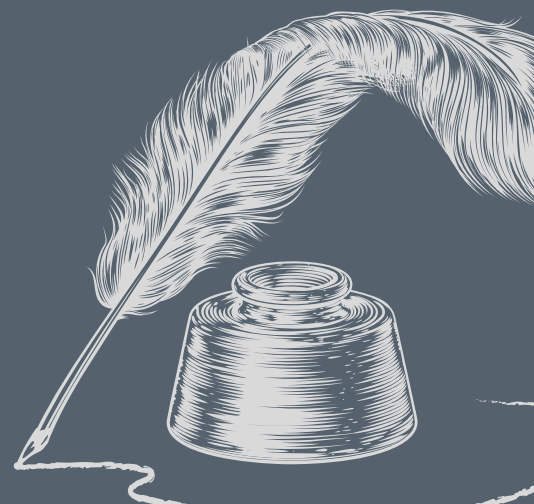




No Tempo Distante do Talvez

Eduardo
Kawamura

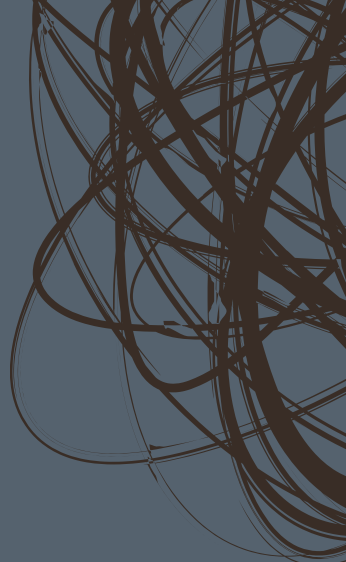




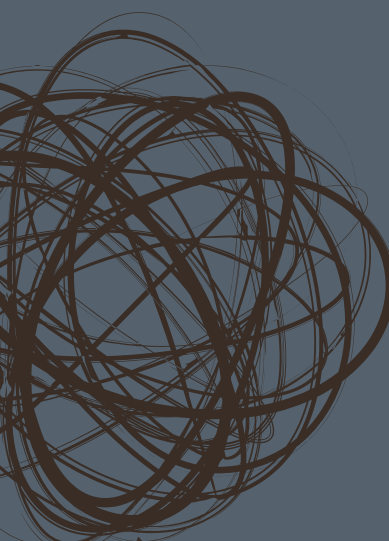
De minha janela periférica todos sonham ser burguês.

Alguns, até empregada têm,
E na cor da pele, quase brancos.
E eu observando a velha máxima
De que sem consciência de classe
O opressor se torna o espelho do oprimido

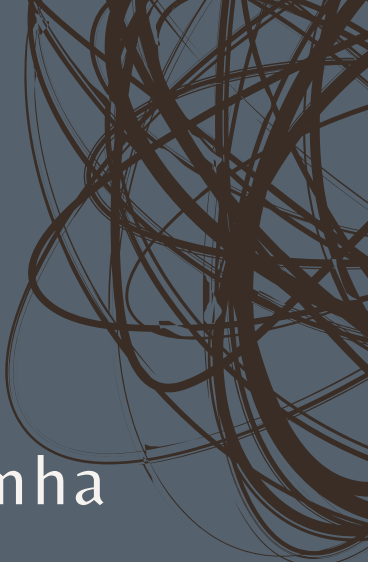
Eduardo Kawamura



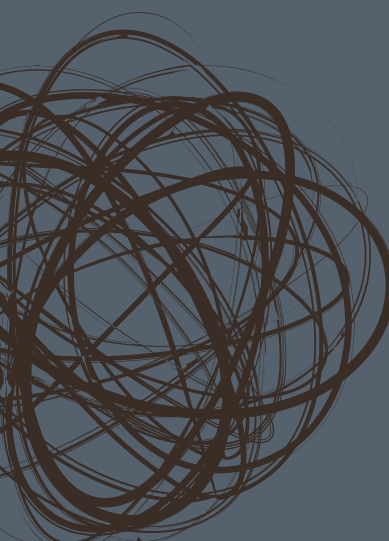
Reinventar-se,
Quando não se basta.
Criar um algo novo de si,
Dar vida ao outro em mim,
Que em mim habita,
Metamorfoseado em metafísica algo comum
De um espelho de alma
Que não sou eu em mim.



Eduardo Kawamura



Nego-me e encontro sua fina linha
De sentidos estrangulados dos sentimentos
O que acalma minha loucura é seu desejo
Queimo ininterruptamente o breu que me permite
Ébrio, talvez, distante de mim
Caminhar torto pela direção contrária
E tombar ao caminho de ti
Neste novelo cósmico
Que nos faz sendo
Nesta vida apenas
E em outras dimensões
Dialogáveis
No tempo distante do talvez.



Eduardo Kawamura



No Tempo Distante do
Talvez

Eduardo Kawamura